

A Análise Textual de um Texto Multimodal

Vera Lucia Carvalho Grade Selvatici

PUC – Rio de Janeiro

O objetivo deste trabalho é analisar a organização temática de um artigo onde vários modos semióticos são utilizados, ou seja, um texto Multimodal (Kress & Van Leeuwen, 1996), sob a perspectiva da Gramática Sistêmico-Funcional (Halliday, 1994), no que concerne à Função Textual da Linguagem. Procura-se demonstrar, ainda, de que maneira essa organização textual projeta os significados do texto e reflete as intenções do autor, dentro do seu contexto cultural. Aplicações pedagógicas são sugeridas.

Palavras-chave: *Função Textual, Tema, Texto Multimodal*

INTRODUÇÃO

A noção de *letramento* tem sofrido modificações a partir da crescente preocupação com o visual e outras formas de linguagem presentes na comunicação. Se até pouco tempo atrás significava saber ler e escrever, hoje essa noção procura incluir a habilidade de lidar com a multiplicidade e integração de todos os modos de fazer sentido que acompanham as mudanças no mundo. Foi a partir da preocupação com essas mudanças aceleradas no mundo que o Grupo New London (Cope & Kalantzis, 2000) propôs a idéia de *multiletramento*.

Na verdade, segundo Kress & Van Leeuwen (1996), mesmo um texto verbal tem outros modos de comunicação co-presentes que contribuem para o seu significado. Textos são, portanto, *multimodais*, ou seja, um conjunto de múltiplas formas de representação ou códigos semióticos que, através de meios próprios e independentes, realizam sistemas de significados.

Utilizando conceitos da Lingüística Sistêmico-Funcional (Halliday, 1994), Kress & Van Leeuwen afirmam que, como a linguagem verbal, todos os modos semióticos realizam três grandes funções simultaneamente: a primeira *ideacional*, ao representar o que está a nossa volta ou dentro de nós; a segunda *interpessoal*, realizando interações sociais; a terceira *textual*, “revelando a composição do todo, a maneira como os elementos interativos

e representacionais se relacionam e como eles se integram para construir o significado” (1996:181).

Desse modo, qualquer texto que combine vários modos semióticos pode ser visto também como uma instanciiação do sistema semiótico e reflete as escolhas feitas pelo seu autor, dentro do contexto onde é produzido (Halliday & Hasan, 1989).

Meu objetivo, neste trabalho é, tendo como base a Gramática Sistêmico-Funcional (Halliday, 1994), analisar um *texto multimodal*, com foco no seu significado textual, ou seja, de que maneira a mensagem é organizada através de sua *estrutura temática* e composição. Ao fazer esta análise, procuro responder a duas questões que surgem na leitura de um *texto multimodal*: (1) como a informação é transmitida em cada modo semiótico, verbal ou visual, e (2) de que maneira essa organização textual projeta os significados do texto e reflete as intenções do autor e do contexto de cultura no qual ele está inserido.

Na primeira parte do estudo, faço uma breve revisão da Metafunção Textual, como proposta por Halliday (1994) e da aplicação desta teoria para a análise de textos multimodais segundo Kress & Van Leeuwen (1996). Em seguida, apresento a Metodologia e análise dos quatro textos que compõem o texto multimodal escolhido. Numa última parte ou Conclusão, procuro analisar a composição como um todo dentro do contexto cultural atual e as possíveis aplicações pedagógicas que uma análise desse tipo pode gerar.

A ORAÇÃO COMO MENSAGEM: ESTRUTURA TEMÁTICA

Ao descrever a *função textual* da linguagem, Halliday (1994) a concebe como aquela que organiza a mensagem, ou como a linguagem é usada para transmitir a mensagem. As escolhas são feitas para evidenciar, priorizar, esconder ou ligar partes da mensagem e estas escolhas podem gerar significados diferentes. A organização pode variar dependendo do papel da linguagem no contexto de produção do texto, oral ou escrito. (Ravelli, 2000:51).

Para Halliday a oração é organizada através do “status especial atribuído a uma de suas partes” (Halliday, 1994:37), ou seja, o *Tema*. Em inglês, normalmente ele é o primeiro elemento na oração e serve como ponto de partida da mensagem. A segunda parte da oração é o *Rema*, ou onde o *Tema* é desenvolvido.

Para a identificação do *Tema*, é importante saber reconhecer também os elementos que compõem os *processos* na *função representacional* ou *ideacional* da língua, através do sistema de *Transitividade*. O *Tema* de uma oração pode ser um *participante*, um *processo* ou uma *circunstância*, contanto que este esteja em primeira posição na oração. O *Tema* contém sempre somente um desses elementos experienciais (ou ideacionais), assim, ele termina onde esse elemento termina. O elemento experiencial é chamado *Tema Topical* (*Topic Theme*) e pode vir precedido de outros elementos sem função de participante, processo ou circunstância, o que caracteriza o *Tema Múltiplo*. Em outras palavras, o *Tema* se estende do início da oração até (e incluindo) o primeiro elemento que tem uma função em transitividade (Halliday, 1994:53).

Os outros elementos presentes no *Tema* podem ter função *textual* ou *interpessoal*, como “Por outro lado” e “Talvez”, respectivamente, nas orações a seguir, onde “ele” é o *tema topical*:

Por outro lado, ele / defendeu muito bem a idéia.

Talvez, ele / venha amanhã.

Temas podem ser *marcados* ou *não marcados* em função do elemento escolhido a ser tematizado. *Temas não marcados* constituem a escolha mais típica em orações declarativas em inglês e acontecem quando o *sujeito* e o *Tema* são o mesmo elemento: “**Nós** sempre saímos à noite”. Em orações interrogativas de polaridade *sim/não*, ele é formado pelo operador verbal finito seguido do sujeito: “**Do you** like monkeys?”; ou pelo elemento *Wh* em interrogativas que pedem informação: “**Who** do you like best?”. Em orações imperativas, o *Tema* é o próprio verbo: “**Bring** the best wine!”.

Quando outros elementos diferentes do sujeito são colocados em posição inicial na oração, ou tematizados, constituem *Temas marcados* e sinalizam que o autor quis criar um significado diferente ou dar importância ao elemento tematizado. A escolha mais comum é o uso das circunstâncias como *Tema*, através de advérbios e sintagmas preposicionais: “**On Saturday night**, I lost my wife” (Halliday, 1994:44), mas pode envolver outros participantes da oração.

A organização temática, segundo Halliday, não se limita à estrutura da oração, mas também se verifica na organização de parágrafos. O *Tema* é a oração tópica do parágrafo (p.54) ou da oração complexa, ou seja, o que o autor escolheu para iniciar a mensagem:

<i>'If you don't like that teapot, /</i>	<i>give it away'.</i>
Tema	Rema

Da mesma forma, no texto, o primeiro parágrafo introduz o significado principal do que vem a seguir e constitui, assim, o *Tema* ou ponto de partida.

Há divergências entre estudiosos quanto à definição de *Tema* como “ponto de partida” e “sobre o que é a oração”. Estas duas idéias são vistas com significados diferentes por alguns autores e a segunda é normalmente associada à noção de Tópico. Fries sugere que o *Tema* fornece “uma moldura para a interpretação da oração (...) e orienta o ouvinte/leitor para o que vai ser comunicado” (1997:232). O autor afirma ainda que, “através da escolha cuidadosa da informação temática, autores podem manipular a atenção dos leitores” (1995:65). Gómez-Gonzalez (2001, *apud* Hawad, 2002:50) define *Tema* como aquele que estabelece o ângulo do falante sobre a experiência sendo construída.

Há divergências também quanto à identificação do *Tema* na oração. Halliday, como já dito, o vê como o primeiro elemento na oração com alguma função experiencial. Berry, em análise de composições infantis, preferiu considerar *Tema* tudo o que precede o verbo da oração principal (1989:71). Hasan & Fries (1997) apontam, entre outras, para a dificuldade de se considerar somente o primeiro elemento com função experiencial em casos onde há mais de um *tema topical marcado*: “Ontem, na loja, eu vi grandes promoções”.

No caso de outras línguas, a aplicação da noção de *Tema/Rema* deve ser adaptada, como mostram Gouveia & Barbara (2000) num estudo sobre *temas marcados e não marcados* em português. Levando em conta que nesta língua a elipse do *sujeito* é freqüente pelo fato de este aparecer na terminação verbal, os autores sugerem que esta elipse não constitua *tema marcado*, mesmo que o verbo seja o primeiro elemento na oração. Baseando-se nesta idéia de que o *Tema* pode não estar presente na oração, os autores propõem, ainda, uma redefinição de *Tema*, retomando o conceito descrito por Halliday (1994:31) de *Tema* como *sujeito psicológico*, ou seja, aquilo que o falante tem em mente ao produzir a oração.

ESTRUTURA TEMÁTICA E O TEXTO MULTIMODAL

Como afirmado anteriormente, Kress & Van Leeuwen (1996) apropriam-se dos conceitos da Lingüística Sistêmico-Funcional, para caracterizar as funções que os diferentes modos semióticos realizam. Aplicando estes conceitos a um *texto multimodal*, os autores afirmam que a composição (*função textual*) relaciona significados ideacionais e interpessoais através de três sistemas: (1) *valor informativo*, (2) *saliência* e (3) *enquadramento*.

O primeiro está ligado ao posicionamento dos elementos e ao valor atribuídos às “zonas” da imagem: esquerda e direita, centro e margem, alto e baixo. Quanto à *saliência*, os elementos são “feitos para atrair o expectador em relação à sua colocação na frente ou fundo, tamanho, cor, nitidez, etc.” (Kress & Van Leeuwen, 1996:183). O *enquadramento*, por sua vez, categoriza de que maneira os elementos são conectados ou não, para formar o todo.

Ao explicar que esses três tipos de composição aplicam-se não somente a imagens, mas também a textos multimodais, Kress & Van Leeuwen buscam “olhar uma página inteira como um texto integrado (...) tentando derrubar as fronteiras disciplinares entre o estudo da língua e o estudo das imagens” (1996:183).

Para a análise que fazemos do texto multimodal como composição, tomamos a noção de *valor informativo esquerda e direita* como análogos à idéia de *Tema/Rema* como descritos por Halliday para explicar o posicionamento dos elementos na oração, apesar de sabermos que Kress & Van Leeuwen utilizam os conceitos *dado/novo* para analisar esse posicionamento. Halliday afirma que, apesar de uma relação semântica próxima entre estrutura informacional (*dado/novo*) e temática (*Tema/Rema*), elas não são a mesma coisa. “O *Tema* é o que eu, o falante, escolho como ponto de partida. O *dado* é o que o ouvinte já sabe” (1994:299). Mas o próprio autor reconhece que ambos são selecionados pelo falante/produtor do texto. É ele quem escolhe ambas as estruturas de maneira a criar a expectativa que ele deseja. Além disso, a própria Gramática Sistêmico-Funcional estabelece uma relação entre *Tema/Rema* e *Dado/Novo* pela tendência da informação dada ser normalmente posicionada no início e a informação nova, no final da oração (Fries, 1997:230).

Assim, como veremos na análise da composição verbal/visual do ponto de vista de como a mensagem é estruturada, a analogia pode ser feita, tendo por base o que o autor escolheu como ponto de partida para a composição.

METODOLOGIA E ANÁLISE DO TEXTO

O texto escolhido para análise neste trabalho foi publicado na Revista *Veja*, edição de 28 de setembro de 2005, p. 92-93 (Anexo 1).

Numa rápida análise de sua Configuração Contextual (Halliday & Hasan, 1989), temos uma reportagem impressa, do gênero jornalístico, sobre a possível retomada do programa espacial pelo governo americano. A interação acontece entre autor e leitor de uma revista de grande circulação, onde vários outros gêneros aparecem. O leitor em potencial é aquele interessado nos últimos acontecimentos no cenário nacional e internacional e que busca informação rápida, já que a revista é publicada semanalmente e cobre grande parte dos assuntos de interesse popular. O texto é constituído de quatro textos independentes: dois verbais, um verbal acompanhado de fotografia e um *infográfico*¹, onde visual e verbal se combinam para mostrar as etapas de uma possível viagem à Lua.

A estrutura temática dos textos

Segundo Halliday, a organização temática das orações é o fator mais significativo no desenvolvimento do texto (1994:67).

Assim, a análise dos Temas em um texto requer não somente um olhar sobre as orações individualmente, mas de que maneira o desenvolvimento ou “fluxo temático” (Brown & Yule, 1983) leva ao significado pretendido pelo autor e de que maneira a mudança de Temas indica mudança na mensagem. Butt et al afirmam que, através da análise dos padrões cumulativos e sequenciais de Temas, podemos descobrir (1) até que ponto as mensagens são adequadas ao propósito ou tópico principal, (2) se o texto tem um *design* transparente e (3) se o autor antecipa o que o leitor espera saber (1995:102).

¹ *Infográfico* é um gráfico informativo, utilizado em jornais e revistas para ilustrar, sintetizar ou esquematizar visualmente as informações de um texto jornalístico. É um recurso de edição com forte atração visual, combinando fotografia, desenho e texto. O que uma foto ou texto não consegue explicar, geralmente, consegue ser explicado por um infográfico.

Da mesma forma, a análise da estrutura temática interage com as outras dimensões de significado, uma vez que elas são simultâneas e, assim, o texto é o produto de escolhas que envolvem representação (*Transitividade*), interação (*Modo*) e mensagem (*Tema*). No presente estudo, embora o foco seja verificar como o autor priorizou a informação, ou como a tematização nas orações individuais contribui para o significado total do texto, algumas observações serão feitas sobre as escolhas lexicais, bem como sobre os tipos de processos utilizados em cada texto que porventura venham contribuir para esse significado.

Texto 1:

O primeiro texto, à esquerda, pode ser dividido em quatro tópicos, onde o autor: (1) relata o desejo, por parte do governo americano, de reiniciar a nova etapa do programa espacial e explica em que este consiste, (2) faz um resumo histórico da primeira fase do programa e sua receptividade nos Estados Unidos e discute as (3) reações contrárias e (4) favoráveis ao novo plano no contexto atual.

Há um tom de perplexidade logo nos primeiros Temas que compõem o subtítulo (*EUA; A pergunta; Para que?*), mas esse tom só é retomado mais tarde no texto.

No primeiro parágrafo, o desenvolvimento de Temas introduz, de maneira bem linear, o que é a nova etapa do programa espacial. Quase todas as orações têm Temas Topicais *não marcados*: “*Os Estados Unidos*”; “*Ele*” (*o programa espacial*); “*O objetivo das futuras missões*”; “*Além disso, a nave a ser construída para as viagens*”. Somente na última sentença do parágrafo, com tema marcado por duas circunstâncias que precedem o sujeito (*No início do ano passado, em campanha pela reeleição*), aparece a intenção do autor em ressaltar que o anúncio do Presidente Bush não é recente. Neste parágrafo há uma mescla de processos verbais (*anunciaram; já anunciara*), materiais (*a ser construída; explorar; levar; substituir*), mentais (*prevê; considera*) e relacionais (*é*). Essa variedade nos processos, aliada ao pouco uso de temas textuais, reflete a densidade de informação do parágrafo, mais característica de textos escritos.

O segundo parágrafo é o mais característico de narrativas e a escolha de Temas e itens lexicais sinalizam a intenção do autor em voltar ao passado, para retratar o ambiente receptivo da primeira fase do programa espacial, em função de um momento político diferente. Há Temas *marcados* por circunstâncias (*Em 1961; Oito anos depois*) e vários

Temas *não marcados* referentes à figura do Presidente Kennedy e ao que ele representava então (*um outro presidente, O discurso de Kennedy, A oratória do presidente, um general*). O ambiente de quarenta anos atrás é reforçado através de processos verbais e mentais tornados materiais (*John Kennedy foi aos microfones; O discurso de Kennedy tocou fundo no brio dos americanos*), e do tom solene dado pelas escolhas lexicais em “*nobreza das palavras de um general que conclama seus soldados em nome da pátria*”. Há neste parágrafo dois exemplos de Temas típicos do português, como descritos por Gouveia e Barbara (2000), onde (1) a flexão verbal abriga o sujeito em “*Acredito*” (não marcado) e (2) o pronome “*se*” deixa o sujeito indeterminado em “*Viviam-se os anos...*” (marcado).

No terceiro parágrafo, a variação temática reflete o número de opiniões contrárias listadas pelo autor ao projeto americano nos dias atuais. Na maior parte os Temas são não marcados (*A reação; Para que; Os robôs; os críticos; Há quem; Além do mais, a Nasa*). O Tema circunstancial da oração inicial determina o tempo “*agora*” e a citação contendo Tema *marcado* (*Com os recursos tecnológicos de que dispomos*) funciona, por sua vez como Tema para “*disse a Veja*”. A estratégia de tematizar o discurso direto dá testemunho e validade às opiniões. Escolhas lexicais como “*loucura*”; “*se espantam*”; “*custo do projeto*”; “*estourar orçamentos*” reforçam o efeito negativo pretendido.

O último parágrafo do texto é iniciado por “*Há defensores*”, Tema não marcado, segundo Gouveia e Barbara, para listar opiniões favoráveis à retomada do programa espacial. Como no parágrafo anterior, apesar de vários outros Temas não marcados (*que alegam* (defensores); *a construção de uma base terráquea na Lua; precisamos (nós); A presença do ser humano; o histórico das espécies na Terra; a terra*), o autor faz uso de duas citações na posição de Tema (“*Precisamos....sua extinção*”, *disse a Veja*; “*A presença...catástrofe natural*”, *ele completa*) enfatizando as opiniões.

A voz do autor reaparece nas duas últimas orações, reforçando a atitude tomada no subtítulo, uma delas com Tema Múltiplo textual, interpessoal e topical: “*Seja como for, dificilmente as próximas missões tripuladas*”. Suas escolhas lexicais através de elementos modalizadores “*dificilmente*” e “*ninguém parece ligar*”, além de “*paisagens poeirentas e estéreis*”, retratam sua posição em relação à popularidade do projeto nos dias de hoje e, de certa forma, explicam a composição do texto nas duas páginas, como veremos na análise da estrutura temática/informacional da composição gráfica.

Texto 2:

O segundo texto (*infográfico*) descreve, através de desenhos e legendas, as cinco etapas de uma ida à Lua. Apesar de tratar de assunto de base científica, a linguagem simples utilizada é voltada para o leitor leigo, não cientificamente informado. Segundo Moraes, este é o objetivo dos infográficos, ou seja, “apresentar de maneira clara, informações complexas o bastante para serem transmitidas apenas por texto” (1998:111). A combinação imagem/palavra visa à objetividade e, diferentemente da fotografia ou ilustração em jornalismo, o infográfico é auto-explicativo. Para que isso aconteça, há mais trabalho de pesquisa na sua produção.

Outra diferença entre ilustrações e infográficos, mencionada por Moraes, é o fato de que, em ilustrações, o autor se “faz mais presente, seja na interpretação que faz do assunto, seja no estilo” (1998:119). Como o foco do infográfico está na informação, a presença do autor não é tão evidente.

No entanto, se observarmos como este segundo texto foi inserido na composição verbal/visual do artigo, é possível perceber o autor e *designer*² trabalhando juntos no planejamento visual da página, de modo a constituir um conjunto comunicativo eficiente e atraente, ou uma combinação de infográfico e ilustração.

Este texto é, de fato, a base, ou pano de fundo para os outros, pois retrata o espaço sob a perspectiva da superfície lunar, de maneira que os outros textos pareçam soltos no espaço. Como o objetivo é mostrar a nova tecnologia a ser utilizada, os astronautas estão em segundo plano, no papel de coadjuvantes do processo. Em primeiro plano aparecem o foguete, a cápsula e o módulo de pouso já na Lua.

No texto verbal do infográfico, diferentemente do primeiro texto, onde o desenvolvimento temático variou em quatro mudanças de tópico, o tema do título “*Como*” já prediz e antecipa que as cinco legendas terão uma série de processos materiais que significam uma seqüência de operações: “*leva*”, “*se acoplam*”, “*seguem*”, “*chegam*”, “*permanece*”, “*acionam*”, “*mergulha*”, “*é desacelerada*”, “*amortecem*”. A seqüência de eventos é tematizada através de circunstâncias: “*Dias depois*”, “*Em órbita da Terra*”, “*Três dias depois*”, “*Para a volta*”, “*Na etapa final de chegada*” e, como recurso

² O nome do *designer* gráfico não é incluído no artigo, porém.

complementar, o efeito de movimento no infográfico é obtido por meio de dois *vetores*³ acompanhando as etapas e simulando o movimento de ida e volta.

O fato de priorizar a informação visual neste texto pode ser avaliado como estratégia do autor para atrair o leitor para o que ele considerou de possível interesse (a tecnologia atual) já que ele próprio não acredita que a Lua atraia atenção atualmente.

Texto 3:

No terceiro texto, o autor retoma o assunto do primeiro texto, mas de maneira mais elucidativa (ou didática), como se estivesse respondendo a três perguntas pertinentes ao assunto (*Para que fomos à Lua, por que não voltamos e por que ir novamente à Lua*) e, provavelmente, voltadas ao leitor mais jovem, que não acompanhou a primeira fase do programa espacial. Ele é dividido em três partes menores, cada uma relacionada à questão em foco.

No entanto, uma análise dos Temas demonstra que a preocupação foi “empacotar” informação em pouco espaço. Uma evidência disso é que quase não há o que Berry (1989) chamou *continuação de tópico*, mas somente *desenvolvimento de tópico*, ou seja, quando cada Tema introduz uma informação nova, mesmo que seja relacionada ao Tópico do texto: “*Para que*”, “*O principal objetivo dos americanos nas seis missões Apollo*”, “*Depois de estudarem as condições lunares nas primeiras missões*”, “*A tripulação da Apollo 14*”, “*A da Apollo 15*”, “*Galileu*”, “*Astronautas*”, “*As três outras missões programadas*”, entre outros. Outra evidência está no uso de grupos nominais longos e orações como Tema como em alguns dos exemplos acima.

A informação que “*o objetivo (...) foi suplantar a União Soviética*” já havia aparecido no texto introdutório, assim como a menção aos gastos, ao desinteresse por parte do público, ao interesse do Presidente Bush em garantir a supremacia americana, à defesa em relação a aprender a viver fora da Terra. A questão é, então, por que este texto foi incluído no artigo? Uma possível resposta é sugerida com base num estudo feito por Dionísio (2004), em que a autora procurou verificar como as pessoas interagem com textos que contém *infográficos* e que mostrou que o comportamento dos leitores foi diferente.

³ Segundo Kress & Van Leeuwen (1996), vetores realizam nas imagens o que os verbos de ‘ação’ representam na linguagem verbal (p.44).

Entre outras observações, a autora nota que, enquanto adultos priorizaram o texto verbal e rejeitaram textos com novos *layouts*, adolescentes partiram do visual para o verbal e crianças selecionaram textos verbais de acordo com os visuais (2004:171). Assim, os vários textos do artigo teriam audiência diferente.

Texto 4:

Finalmente, o quarto texto acompanha a foto do cientista precursor do programa espacial e faz uma breve explicação de sua atuação na primeira fase do projeto e sua tese, já naquela época, de utilizar a tecnologia só agora posta em prática. Os Temas marcados por circunstâncias (*Sob pressão da Guerra Fria; Agora*) indicam a passagem do tempo.

A inclusão deste texto é, a primeira vista, quase desnecessária, uma vez que só tem alguma relação com o *infográfico* e quase nenhuma com os outros textos. Acredito, porém, que uma análise da composição toda vai fornecer elementos para compreender esta escolha por parte do autor. A inclusão da foto pode ser vista como recurso para dar veracidade ao texto, apesar do tom ficcional pretendido no início.

CONCLUSÃO

Como foi possível perceber pela análise feita, a tematização seguiu um padrão através do qual foi possível identificar o tópico dos textos. Este padrão caracterizaria, segundo Brown & Yule (1983), a *tematização baseada em tópicos* (“topic-based thematization”), mais frequente em textos informativos, em oposição à *tematização interacional* (“interactional thematization”), típica de textos conversacionais e de opinião, onde é o autor/falante que aparece tematizado. Para Martin (1986), diferentes gêneros requerem um, outro ou ambos os tipos de tematização, dependendo do objetivo do texto e como o autor quer se posicionar. Enquanto a tematização baseada em tópicos prioriza clareza e economia na leitura, a tematização interacional humaniza o texto (Berry, 1989:65-66).

Um olhar sobre os textos verbais, assim como sobre a composição verbal/visual do artigo, chama a atenção para alguns pontos que podem levar às intenções do autor ao projetar o texto e refletem o contexto cultural atual.

O título da matéria “*Conquista da Lua, Parte II*” remete ao título de um filme de ficção científica. Embora na superfície do texto todo não haja claramente um julgamento político, o autor deixa implícito, através desta abordagem, que as decisões do governo americano estão fora da realidade que o “momento político” (guerra, furacões) retrata. Por outro lado, esse tratamento sugere outras intenções, do ponto de vista da composição gráfica. O fato de ser Parte II pressupõe que a primeira parte é conhecida de grande parte dos leitores, mas a abordagem como obra de ficção pode atrair leitores mais jovens, através do foco no texto visual, onde o leitor sente-se na superfície da Lua e a Terra é vista de longe. Além disso, a leitura do *infográfico* é mais fácil e este está em evidência na composição, na posição de informação nova. Se tomarmos os conceitos de *Tema/Rema* e *Dado/Novo* para aplicar à composição visual do texto, o título, junto com o texto à esquerda, é o Tema/Dado, e o *infográfico* é o Rema/Novo, na verdade, em saliência, no centro das duas páginas. O terceiro texto, à direita, retoma vários tópicos tematizados no primeiro texto e parece oferecer uma alternativa para uma leitura mais rápida, já que, como sugerido anteriormente, leitores reagem de maneira diferente a textos com vários modos semióticos. A inclusão de um quarto texto quase sem conexão leva a crer que o autor tentou garantir no texto impresso as possibilidades de um *site*, recurso possível somente na Internet. Uma indicação ao final do primeiro texto para mais informação “em profundidade” no *site* da revista parecem confirmar essa hipótese. Esta constatação reflete as mudanças nos modos de comunicação que exigem outras habilidades no processo de leitura, bem como aponta para a influência que as novas tecnologias exercem sobre a produção de textos, determinando novos *layouts* e exigindo do autor/produtor, bem como do leitor, novos tipos de letramento.

A leitura e análise de Textos Multimodais como este pode ser um recurso importante na sala de aula de Língua Portuguesa e uma ferramenta para verificar como os alunos reagem a textos que combinam o verbal e o visual. Como sugestão de atividades, a análise crítica do texto pode auxiliar o aluno a perceber a intenção do autor e discutir em classe, exercitando, assim, a capacidade de argumentação. Em atividades de escrita, ele pode, através do estudo da organização temática e composição verbal/visual, reescrever os textos e criar outros, sobre assunto de seu interesse. O professor pode, ainda, levá-lo a

perceber como as orações fluem num determinado texto de maneira a auxiliar o aluno a, segundo Fries (1997), tomar consciência da sua própria escrita.

REFERÊNCIAS

- Berry, M. (1989). Thematic options and success in writing. In *Language & literature – Theory and practice. A tribute to Walter Grauberg*. University of Nottingham.
- Butt, D., Fahey, R., Spinks, S., Yallop, C. (1995). *Using functional grammar: An explorer's guide*. National Centre for English Language Teaching and Research. Sydney: Claredon Printing.
- Dionísio, A. P. (2005). Gêneros multimodais e multiletramento. In A. Karwoski, B. Gaydeczka & K. Brito (orgs.) *Gêneros textuais: Reflexões e ensino*. Palmas e União da Vitória, Pr.: Kaygangue.
- Fries, P. (1995). Patterns of information in initial position in English. In P. Fries & M. Gregory (eds.) *Discourse in society: Systemic functional perspectives* 47-66. Norwood N J: Ablex.
- _____. (1997). Theme and new in written English. In T. Miller (ed.) *Functional approaches to classroom discourse*. Washington, DC: USIS.
- Gouveia, C. & Barbara, L. (2004). Marked or unmarked, that is not the question, the question is: Where is the Theme? *Ilha do desterro*, 46. (Special Issue: “Systemic Functional Linguistics in Action”)
- Halliday, M.A.K. (1994). *An introduction to functional grammar*. 2nd. ed. London: Edward Arnold.
- _____. & Hasan, R. (1989). *Language, context, and text: Aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press.
- Hawad, H. (2002). *Tema, sujeito e agente: A voz passiva em perspectiva sistêmico-funcional*. Tese de doutorado inédita, PUC-Rio.
- Kress, G. & Van Leeuwen, T. (1996). *Reading images: The grammar of visual design*. London: Routledge.
- Moraes, A. (1998). *Infografia – O Design da notícia*. Dissertação de mestrado inédita, PUC-Rio.
- Neves, M.H.M. (1997). *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes.
- Ravelli, L. (2000). Getting started with functional analysis of texts. In L. Unsworth (ed.) *Researching language in schools and communities – Functional linguistics perspectives*. London and Washington: Cassell.

A AUTORA

Vera Lucia Carvalho Grade Selvatici é doutoranda em Estudos da Linguagem na PUC-Rio. Seus interesses de pesquisa incluem multimodalidade e ensino de escrita em Inglês-Língua Estrangeira.
E-mail: verasel2@oi.com.br.